



O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino

**Prof. Jean Lauand
Universidade de São Paulo (Brazil)**

God plays. God creates playing (Prov. 8, 30). And man should play if he is to live as humanly as possible and to know reality, since it is created by God's playfulness. These theses are fundamental in Aquinas's Anthropology. *Ludus* is fundamental in Aquinas's world-view. After a comment on the two short and very similar studies which Aquinas made on the ludic: the *Summa Theologica* II-II, 168 and the *Commentary on the Ethics of Aristotle* IV, 16, we study Aquinas's very profound and original analysis of the divine playfulness: the *Commentary on De hebdomadibus of Boethius*. Man -with his limited intelligence - is invited to play the game of divine Wisdom, to discover each piece, each part, each meaning of the "ludic logic" of *Logos*, who creates playing in *singulos dies* (the different *rationes* of the several days of divine creation).

I - Razões do Lúdico no Pensamento Medieval

Deus brinca. Deus cria, brincando. E o homem **deve** brincar para levar uma vida humana, como também é no brincar que encontra a razão mais profunda do mistério da realidade, que é porque é "brincada" por Deus. Bastaria enunciar essas teses - como veremos, fundamentalíssimas na filosofia do principal pensador medieval, Tomás de Aquino - para reparar imediatamente que entre os diferentes preconceitos que ainda há contra a Idade Média, um dos mais injustos é aquele que a concebe como uma época que teria ignorado (ou mesmo combatido...) - o riso e o brincar.

Naturalmente, não se trata só de Tomás de Aquino; a verdade é que a Idade Média é muito sensível ao lúdico, convive com o riso, e cultiva a piada e o brincar. Tomás, por sua vez, situa o lúdico nos próprios fundamentos da realidade e no ato criador da Sabedoria divina.

Assim, diante do panegírico do brincar feito por Tomás - e diante da prática do lúdico em toda a educação medieval - torna-se difícil compreender como um erudito do porte de Umberto Eco possa ter querido situar no centro

da trama de seu *O Nome da Rosa*¹, o impedimento “medieval” da leitura de um tratado de Aristóteles sobre o riso (e no romance S. Tomás é citado como autoridade respeitada não só pelo abade - p. 48 -, mas também pelo fanático bibliotecário Jorge - p. 158 -, para quem o riso é o pior dos males e está disposto a matar para obstruir o acesso a um livro de Aristóteles sobre o tema - pp. 529 e ss.). É difícil compreender o empenho de proibir essa leitura de Aristóteles, quando o próprio Aquinate - já solenemente canonizado antes de 1327, ano em que se dá a ação do romance - vai muito mais longe do que o Estagirita no elogio do lúdico...

Antes de entrarmos em diálogo com a antropologia de Tomás, consideremos que o lúdico na Idade Média é favorecido pela própria decadência cultural, que marca, desde o início, a época medieval, encurtando as distâncias - tão acentuadas em outras épocas (sobretudo no Renascimento) -, entre as culturas chamadas erudita e popular.

Assim, um primeiro fator que nos ajuda na compreensão dessa valorização medieval da cultura popular (e do lúdico...) está na própria situação em que surge a Idade Média: com a queda do Império Romano no Ocidente e a instalação dos reinos bárbaros, a cultura erudita sofreu um sério abalo. E é em função da valorização exclusiva da cultura erudita que são cunhadas as próprias expressões “Idade Média” e “Renascimento”, carregadas de valores e fruto da narcisista historiografia renascentista². Em ambos os casos manifesta-se a auto-apreciação de uma época que pretende fazer “renascer” (ou, em alguns casos, imitar servilmente...) a erudição clássica depois de uma época “média” de mil anos. De fato, a Idade Média não tem, nem de longe, a erudição clássica; mas valoriza e fomenta a cultura popular. E é a partir do Renascimento, como faz notar Regine Pernoud, que encontramos até mesmo proibições legais da cultura popular: como as sentenças de 1542 do Parlamento, proibindo o teatro popular - de tradição medieval - precisamente por ser popular³.

A primeira característica essencial da Idade Média é - para tomar as clássicas expressões de Hegel⁴ - *diese Entzweiung, dies Gedoppelte*, a dualidade bárbaro-romana. O bárbaro - ainda ontem não só analfabeto, mas ágrafo - instala-se hoje, triunfante, no espaço do extinto Império Romano no Ocidente... É nessa situação - aparentemente desesperadora - que um dos mais geniais

¹. Eco, Umberto *O Nome da Rosa*, São Paulo, Nova Fronteira, 1983.

². Cfr. Nunes, Ruy A. C. *História da Educação na Idade Média*, São Paulo, EPU-Edusp, pp. 10 e ss. e Pernoud, R. *Idade Média - o que não nos ensinaram*, Rio de Janeiro, Agir, 1979, pp. 17 e ss.

³. Cf. *Idade Média - o que não nos ensinaram*, Rio de Janeiro, Agir, 1979, pp. 46-47.

⁴. Cit. por Pieper, *Scholastik*, München, DTV, 1981, p. 20.

educadores de todos os tempos, Boécio, o “último romano e primeiro escolástico” (na consagrada fórmula de Martin Grabmann), cria seu projeto pedagógico - o único cabível para a Primeira Idade Média - que consiste em manter acesa uma pequena chama-piloto, apresentando aos novos povos traduções de precários resumos da ciência e da cultura clássicas. Esse projeto pode-se sintetizar na sentença do começo do livro II do *Ars Geometrica*: “*Quamvis succincte tamen sunt dicta*”, embora resumida e precariamente, aí estão traduzidos os fundamentos da cultura antiga...

Outros (Cassiodoro, Beda, Isidoro, Alcuíno...) seguiram o paradigma boeciano - *succincte tamen...* - e, bem ou mal, a cultura antiga foi de algum modo preservada, até haver condições, no século XII, de um “renascimento”.

Outro aspecto pouco lembrado e que guarda relação com o lúdico é o fato - específico da época - de a Idade Média ser, em diversos sentidos, jovem. A juventude e a velhice não se predicam só das pessoas singulares, mas também das épocas e regiões. Pieper faz notar⁵ que a média de idade dos grandes autores da época - passe o trocadilho, estamos falando de lúdico - “a idade média na Idade Média”, está entre 20 e 30 anos: “Nada mais inexato do que imaginar monges de barba branca, afastados do mundo em sua cela, caligrafando sutis tratados em pergaminhos” (op. cit. p.71).

É também por esse caráter jovem dos novos povos que a Idade Média cultiva o lúdico. Embora referindo-se ao lúdico em sentido muito mais amplo de que o nosso brincar, cabe aqui a conclusão de Huizinga em seu clássico *Homo Ludens*: “À medida que uma civilização vai se tornando mais complexa e vai se ampliando e revestindo-se de formas mais variadas e que as técnicas de produção e a própria vida social vão se organizando de maneira mais perfeita, o velho solo cultural vai sendo gradualmente coberto por uma nova camada de idéias, sistemas de pensamento e conhecimento; doutrinas, regras e regulamentos; normas morais e convenções que perderam já toda e qualquer relação direta com o [lúdico] jogo [*Spiel*]”⁶

II. A base ético-antropológica do *ludus* em Tomás

Voltemo-nos agora para o alcance e o significado do lúdico em Tomás⁷. Se há uma marca característica da cultura medieval é precisamente o fato de

⁵. *Scholastik*, cap. V.

⁶. Huizinga, J. *Homo Ludens*, São Paulo, Perspectiva- Edusp, 1971, p. 85.

⁷. Citarei Tomás pelo texto latino da edição eletrônica de Roberto Busa *Thomae Aquinatis Opera Omnia* cum hypertextibus in CD-ROM. Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992.

que toda a cultura, na época, era pensada em termos religiosos: a religião como o "tema transversal", por excelência e radicalmente.

Quando no século XII, ocorre a redescoberta de Aristóteles (ou do "Aristóteles arabizado") no Ocidente a cristandade medieval é confrontada, pela primeira vez, com uma completa visão-de-mundo elaborada à margem do cristianismo. A divisão que este fato produz entre os eruditos é fácil de prever: surgem, por assim dizer, dois partidos: o daqueles que se aferram ao enfoque tradicional, "espiritualista" e, por outro lado, o daqueles que se fascinam com a investigação natural - à margem da Bíblia - propiciada pelo referencial aristotélico. Tomás - junto com Alberto Magno - está no meio, sofrendo incompreensões por parte dos dois bandos, enfrentando o desafio de harmonizar a teologia bíblica com a plena aceitação da realidade natural, a partir de Aristóteles...⁸

O tratamento dado ao brincar, é bastante representativo dessa postura de Tomás: por um lado, ele segue a antropologia da *Ética a Nicômaco* nos dois breves estudos que tematicamente ele dedicou ao tema: os artigos 2 a 4 da questão 168 da II-II da *Suma Teológica* e o *Comentário à Ética de Aristóteles* IV, 16. Seu ponto de vista em ambos é antropológico e ético: o papel do lúdico na vida humana, a necessidade de brincar, as virtudes e os vícios no brincar. Por outro lado, em outras obras (e de modo não sistemático) guiado pela Bíblia, aprofunda de modo inesperado e radical no papel do lúdico na constituição do ser.

O *ludus* de que Tomás trata na *Suma* e na *Ética* é sobretudo - o brincar do adulto (embora se aplique também ao brincar das crianças). É uma virtude moral que leva a ter graça, bom humor, jovialidade e leveza no falar e no agir, para tornar o convívio humano descontraído, acolhedor, divertido e agradável (ainda que possam se incluir nesse conceito de brincar também as brincadeiras propriamente ditas). Ao falarmos do lúdico, note-se que nos escritos de Tomás *ludus* e *iocus* são praticamente sinônimas⁹.

⁸ . Cfr. a já citada *Scholastik*, caps. VII a IX.

⁹ . Em latim, a palavra *iocus* tende a ser mais empregada para brincadeiras verbais: piadas, enigmas etc. *Ioca monachorum*, por exemplo, é o título que designa as coleções de charadas, enigmas e brincadeiras verbais dos monges nos mosteiros medievais. A forma inglesa *joke*, conserva essa ênfase no verbal. Já *ludus* - da qual se originaram as nossas: *aludir*, *deludir*, *desiludir*, *eludir*, *iludir*, *ineludível*, *interlúdio*, *ludâmbulo*, *ludibriar*, *lúdico*, *prelúdio* etc.- refere-se mais ao brincar não verbal: por ação. No entanto, no séc. XIII *iocus* e *ludus* empregam-se freqüentemente como sinônimas. Assim, por exemplo, diz Tomás: "As palavras ou ações - nas quais se busca só a diversão chamam-se lúdicas ou jocosas", "A diversão acontece por brincadeiras (*ludicra*) de palavra e de ação (*verba et facta*)" (II-II, 168, 2, c).

O papel que o lúdico adquire na ética de Tomás decorre de sua própria concepção de moral: **a moral é o ser do homem**¹⁰, doutrina sobre o que o homem é e está chamado a ser. A moral é um processo de auto-realização do homem¹¹; um processo levado a cabo livre e responsabilmente e que incide sobre o nível mais fundamental, o do ser-homem: "Quando porém se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular mas à totalidade do ser do homem... ela diz respeito ao que se é enquanto homem" (I-II, 21, 2 ad 2).

A moral, assim entendida, pressupõe conhecimento sobre a natureza humana (e, em última instância, a Deus, como seu autor). A forma imperativa dos mandamentos ("Farás x...", "Não farás y..."), na verdade, expressa enunciados sobre a natureza humana: "O homem é um ser tal que sua realização requer x e é incompatível com y". E numa sentença só à primeira vista surpreendente: "As virtudes nos aperfeiçoam para que possamos seguir devidamente nossas inclinações naturais" (II-II, 108,2).

III Ludus na Suma e na Ética

Na *Suma Teológica*, Tomás, sem a preocupação de glosar, trata do brincar mais livremente do que o faz no *Comentário à Ética*.

A afirmação central da valorização do brincar encontra-se no ad 3 do artigo 3 da q. 168 da II-II: *Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae*, o brincar é necessário para a vida humana (e para uma vida humana). A razão dessa afirmação (como sempre, o ser do homem) a encontraremos desenvolvida no artigo 2 (da mesma q. 168): Tomás afirma que assim como o homem precisa de repouso corporal para restabelecer-se pois, sendo suas forças físicas limitadas, não pode trabalhar continuamente; assim também precisa de repouso para a alma, o que é proporcionado pela brincadeira.

Esta "re-criação" pelo brincar - e a afirmação de Tomás (ainda na q. 168) pode parecer surpreendente à primeira vista - é tanto mais necessária para o intelectual e para o contemplativo que são os que, por assim dizer, mais "desgastam" as forças da alma, arrancando-a do sensível. E "sendo os bens sensíveis conaturais ao homem" as atividades racionais mais requerem o brincar.

¹⁰. Cfr. p. ex. o Prólogo da parte II da *Suma Teológica*.

¹¹. É o que significa por exemplo a caracterização, tantas vezes por ele repetida, da virtude como *ultimum potentiae*.

Daí decorrem importantes conseqüências para a Filosofia da Educação: o ensino não pode ser aborrecido e enfadonho: o **fastidium** é um grave obstáculo para a aprendizagem¹².

Em outro lugar da *Suma Teológica*, no tratado sobre as paixões, Tomás - jogando com as palavras - analisa um interessante efeito da alegria e do prazer (*delectatio*) na atividade humana: o efeito que ele chama metaforicamente de *dilatação (dilatatio)*: que amplia a capacidade de aprender tanto em sua dimensão intelectual quanto na da vontade (o que designaríamos hoje por motivação): *delectatio/dilatatio*, a deleitação produz uma dilatação essencial para a aprendizagem (I-II, 33, 1). E, reciprocamente, a tristeza e o fastio produzem um estreitamento, um bloqueio, ou, para usar a metáfora de Tomás, um peso (*aggravatio animi*), também para a aprendizagem¹³. Por isso em II-II, 168, 2 ad 1, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas: para descanso dos ouvintes ou alunos.

Não é de estranhar, portanto, que, tratando do relacionamento humano, Tomás chegue - com um realismo prosaico - a afirmar a necessidade ética de um trato divertido e agradável, baseado no fato (empírico) tão simples de que: *nullus potest per diem morari cum tristi, neque cum non delectabili*¹⁴ - ninguém agüenta um dia sequer com uma pessoa aborrecida e desagradável.

Daí que exista uma virtude do brincar: a eutrapelia. E há também vícios por excesso e por falta: as brincadeiras ofensivas e inadequadas, por um lado, e, por outro, a dureza e a incapacidade de brincar (também um pecado).

Basicamente as mesmas teses da *Suma* reaparecem no comentário de Tomás aos pontos da *Ética a Nicômaco* que Aristóteles dedica à virtude do brincar. O comentário do Aquinate é cerca de três vezes mais volumoso do que o original aristotélico (1127 b 30 - 1128 b 10) e segue passo a passo a tradução de que Tomás dispunha. Tal tradução, se bem que muito boa para os padrões da época, é obscura em certas passagens, como naquela em que se dá a própria interpretação da palavra *eutrapelia*. Aristóteles quando se vale do vocábulo *eutrapelia* está comparando essa virtude da alma à agilidade como qualidade do corpo: "o bem voltar-se" corporal, com flexibilidade e desembaraço. Já o significado que a tradução deu a *eutrapelus, bene vertente*, sugere a Tomás a

¹². *Suma Teológica*, prólogo.

¹³. *ibidem*, I-II, 37, 2, ad 2.

¹⁴. Non posset vivere homo in societate... sine delectatione, quia sicut Philosophus dicit, in *VIII Ethic.*: "Nullus potest per diem morari cum tristi, neque cum non delectabili". Et ideo homo tenetur ex quodam debito naturali honestatis ut homo aliis delectabiliter convivat... *ibidem*, II-II, 114, 2 ad 1.

errônea (mas feliz...) interpretação "aquele que bem converte", aquele que "converte" adequadamente em riso as incidências do cotidiano¹⁵. Também na *Ética*, Tomás retoma os temas do brincar como virtude e os pecados por excesso e por falta: "853 - Aqueles que não querem dizer algo engraçado e se irritam com os que o dizem, na medida em que assim se agastam, tornam-se como que duros e rústicos, não se deixando abrandar pelo prazer do brincar".

IV. O *ludus* na teologia da obra criadora divina.

O lúdico, tão necessário para a vida e para a convivência humana, adquire na teologia de Tomás um significado antropológico ainda mais profundo. Ele se baseia especialmente em duas sentenças bíblicas, que, na tradução de que ele dispõe, têm as seguintes formulações:

"Cum eo eram cuncta componens et delectabar per singulos dies ludens coram eo omni tempore, ludens in orbe terrarum et deliciae meae esse cum filiis hominum" (Prov. 8, 30-31)

(Com Ele estava eu, compondo tudo, e eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dEle o tempo todo, brincando no orbe da terra e as minhas delícias são estar com os filhos dos homens)

"Praecurre prior in domum tuam, et illuc advocare et illic lude, et age conceptiones tuas" (Eclo. 32, 15-16).

¹⁵. "Aristóteles mostra o que é o termo médio da virtude no brincar. E diz que aqueles que se portam convenientemente no que diz respeito ao brincar são chamados *eutrapeli*, que significa "os que bem convertem", porque convertem em riso, de modo conveniente e versátil, as coisas que se dizem ou fazem" (854). Cito pela minha tradução em *Cultura e Educação na Idade Média*, S. Paulo, Martins Fontes, Coleção Clássicos-Educação, 1998, p. 292.

Outra passagem ilustrativa da desorientação de Tomás, suscitada pelas deficiências de tradução é aquela em que Aristóteles para ilustrar a diferença entre a atitude viciosa e a virtuosa contrapõe as antigas às novas comédias. Diz o original aristotélico: "Para os antigos autores cômicos era a obscenidade o que provocava o riso; para os novos, é antes a insinuação, o que constitui um progresso". Já na tradução de que Tomás se vale não há tal contraposição e o Aquinate entende "suspeita" onde o original diz "insinuação". Daí sua afirmação, interessante, mas que nada tem que ver com o texto aristotélico: "E (Aristóteles) diz que tal critério é especialmente manifesto quando consideramos os diálogos tanto nas antigas como nas novas comédias. Porque se em algum lugar nessas narrações ocorria alguma fala torpe, isso gerava em alguns a irrisão enquanto tais torpezas se convertiam em riso. Para outros, porém, gerava a suspeita, enquanto suspeitavam que aqueles que falavam torpezas possuíam algum mal no coração" (859), ed. cit., p. 294.

(Corre para tua casa, e lá recolhe-te e brinca e realiza tuas concepções)¹⁶.

Para Tomás, o brincar é coisa séria. Para ele, é o próprio *Logos*, o *Verbum*, o Filho, a Inteligência Criadora de Deus, quem profere as palavras de Prov. 8, 30:

A própria Sabedoria fala em Prov. 8, 30 : “Com Ele estava eu etc.. ”. E esse atributo encontra-se especialmente no Filho, enquanto imagem de Deus invisível e por cuja Forma tudo foi formado (...), pois como diz João I, 3: “Tudo foi criado por Ele”¹⁷.

Nesses versículos encontram-se os fundamentos da criação divina e da possibilidade de conhecimento humano da realidade. Antes de mais nada, Tomás sabe que não é por acaso que o evangelho de João emprega o vocábulo grego *Logos* (razão) para designar a segunda pessoa da Santíssima Trindade: o *Logos* é não só imagem do Pai, mas também **princípio** da Criação, que é, portanto, obra inteligente de Deus: "estruturação por dentro", projeto, *design* das formas da realidade, feito por Deus por meio de seu Verbo, o *Logos*.

Assim, para Tomás, a criação é também um "falar" de Deus, do *Verbum* (razão, razão materializada em palavra): as coisas criadas são, porque são pensadas e "proferidas" por Deus: e **por isso** são cognoscíveis pela inteligência humana¹⁸. Nesse sentido encontramos aquela feliz formulação do teólogo alemão Romano Guardini, que afirma o "caráter verbal" (*Wortcharakter*) de todas as coisas criadas. Ou, em sentença quase poética de Tomás: "as criaturas são palavras". "Assim como a palavra audível manifesta a palavra interior¹⁹, assim

¹⁶. Se Tomás escrevesse hoje, seguiria a *Nova Vulgata*, de 1986, que oferece as seguintes versões: "Cum eo eram ut artifex: delectatio eius per singulos dies ludens coram eo omni tempore, ludens in orbe terrarum et deliciae meae esse cum filiis hominum" (Prov. 8, 30-31). E "Praecurre autem prior in domum tuam, et illuc advocare et illic lude, et age conceptiones tuas" (Eclo. 32, 15-16).

Já para este último versículo, a Bíblia de Jerusalém apresenta a tradução: "Corre para casa e não vagueies. Lá diverte-te, faze o que te aprouver, mas não peques falando com insolência". E para o versículo de Provérbios: "Eu estava junto com ele como o mestre-de-obras, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença: brincava na superfície da terra, e me alegrava com os homens".

¹⁷. *Et ipsa sapientia loquitur, Prov. 8, 30: 'Cum eo eram cuncta componens...'. Hoc etiam specialiter Filio attributum invenitur, inquantum est imago Dei invisibilis, ad cuius formam omnia formata sunt: unde Col. 1, 15: qui est imago Dei invisibilis, primogenitus omnis creaturae, quoniam in ipso condita sunt universa; et Joan. 1, 3: omnia per Ipsum facta sunt. (In I. Sent.)*

¹⁸. Não é por acaso que Tomás considera que "inteligência" é *intus-legere* ("ler dentro"): a *ratio* do conceito na mente é a *ratio* "lida" no íntimo da realidade.

¹⁹. O conceito, a idéia.

também a criatura manifesta a **concepção** divina (...); as criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus" (*In Sent* I d. 27, 2, 2 ad 3).

Esse entender a Criação como pensamento de Deus, "fala" de Deus, foi muito bem expresso em uma aguda sentença de Sartre (ainda que para negá-la): "Não há natureza humana porque não há Deus para a conceber²⁰". E, como vimos, essa mesma palavra - *conceptio* - é essencial na interpretação de Tomás.

Como num brinquedo ou jogo, o *Verbum* compõe (*componens*) a articulação intelectual das diversas partes e diversos momentos da criação. Pois o ato criador de Deus não é um mero "dar o ser", mas um "dar o ser" que é *design*, projeto intelectual do Verbo²¹: "(Qualquer criatura...) Por ter uma certa forma e espécie representa o Verbo, porque a obra procede da *concepção* de quem a projetou" (I, 45,8).

A criação como "brinquedo de composição" liga-se também ao modo como Tomás - seguindo, aliás, uma tradição patrística - encara as três obras²² dos seis dias²³: criação (propriamente dita, *opus creatus*, no primeiro dia); distinção (*opus distinctionis*, no segundo e terceiro dias) e ornamento (*opus*

²⁰. Sartre, Jean-Paul *O Existencialismo é um Humanismo*, in *Os Pensadores* (vol. XLV Sartre-Heidegger). São Paulo, Abril, 1973, p. 11.

²¹. "*Deus Pater operatus est creaturam per suum Verbum*", "Deus Pai opera a Criação pelo seu Verbo,..." (I, 45, 6).

²². "Na recapitulação da obra divina, diz Gn 2,1: 'Assim perfizeram-se os céus e a terra com todos seus ornamentos'. Nessas palavras, podem-se distinguir três obras: a obra da criação, que produziu os céus e a terra, porém informes; a obra da distinção, que perfez os céus e a terra (...) e a estas duas deve-se ajuntar a obra de ornamento. Ornamento difere de perfazer, pois a perfeição do céu e da terra parece referir-se à sua constituição intrínseca, enquanto o ornamento refere-se a coisas que lhes são distintas: tal como um homem, que se perfaz pelas suas próprias partes e formas e é ornamentado pelas vestes ou coisas do gênero. (...) Assim, é próprio da obra de ornamento a produção de coisas que se movem tanto no céu como na terra" (*Summa Th.* I, 70, 1).

²³. Cfr. John F. McCarthy "The First Four Days According To St. Thomas", *Living Tradition*, November 1993, No. 49, Ponce, <http://www.rtforum.org/lt/lt49.html>.

ornatus, quarto, quinto e sexto dias)²⁴. Para ele, seguindo Agostinho, as três obras do relato dos seis dias do início da Bíblia são obra do Verbo²⁵.

Tomás - como, aliás, toda a tradição medieval - tem um extraordinário desembaraço em interpretar a Bíblia. As palavras com que se abrem os livros sagrados “No princípio...” são entendidas por ele *pessoalmente* - na pessoa do Verbo - e não adverbialmente: “no começo”... Essa atitude dá-lhe, como veremos, inesperadas possibilidades exegéticas. Começamos, seguindo sua análise - em *Comentário às Sentenças I*- do já tantas vezes citado versículo de *Provérbios*: “Com Ele estava eu, compondo tudo, e eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dEle o tempo todo...”

“Com Ele estava eu, compondo tudo” - O Verbo estava junto ao Pai (em outro lugar, Tomás explica²⁶ que esse “Com Ele estava eu, compondo tudo” significa que o Verbo estava com Ele (Deus Pai) como **princípio** da Criação.

“Eu me deleitava”, *delectabar*, compartilhando a glória do Pai. “*Delectabar, consors paternae gloriae*” (In I Sent. d.2 q.1 a.5 ex).

“Brincando”, *ludens*, a sabedoria de Deus cria brincando, pois é próprio da sabedoria o ócio da contemplação, tal como se dá nas atividades do brincar, que não se buscam por um fim que lhes é extrínseco, mas pelo prazer que dão por si mesmas (In I Sent. d.2 q.1 a.5 ex).

“Em cada um dos dias”. É precisamente quando comenta o “*per singulos dies*”, “em cada um dos dias”, que o pensamento de Tomás atinge sua máxima profundidade. *Dia* tem dois significados: 1) a diversidade da obra do Verbo, conhecimento criador, que opera algo novo em cada um dos dias da Criação, mas também: 2) o dia como luz, luz conhecedora, inscrita na criatura, que “repassa” sua luminosidade para o conhecimento do homem. Quanto a este

²⁴. *Considerandum est de creatura corporali. In cuius productione tria opera scriptura commemorat, scilicet opus creationis, cum dicitur: “In principio creavit Deus caelum et terram, etc.”; opus distinctionis, cum dicitur: “Divisit lucem a tenebris, et aquas quae sunt supra firmamentum, ab aquis quae sunt sub firmamento”; et opus ornatus, 10 cum dicit: “Fiant luminaria in firmamento etc.”* (I, 65, prol.)

²⁵. “A pessoa do Filho é mencionada tanto na criação das coisas como em sua distinção e ornamento, mas de modos diferentes. A distinção e o ornamento pertencem à formação das coisas. E tal como a formação das obras de arte dá-se pela forma artística que está na mente do artista, que podemos chamar de verbo inteligível, assim também a formação das criaturas dá-se pelo Verbo de Deus. E é por isso que as obras de distinção e de ornamento remetem ao Verbo. Já na obra da criação o Filho é mencionado como princípio, quando se diz (Gn 1, 1): ‘No **Princípio**, criou Deus...’” (I, 74, 3 ad 1).

²⁶. *Comentário ao Evangelho de João* (cp 1, lc 2).

último sentido, lemos no *Comentário* a I Tim 6, 3: "Tudo o que é conhecido chama-se luz. Mas qualquer ente é conhecido por seu ato, sua forma: daí que o que o ente tem de ato, tem de luz (...) e o que tem de ser, tem de luz"²⁷.

Juntando os dois significados de "dia", Tomás diz que o Verbo fala "em cada um dos dias" por causa de suas diversas ações na obra dos seis dias: a concepção das diversas "razões" das criaturas, que de per si são trevas, mas em Deus são luz: "*Per singulos dies, quantum ad rationes creaturarum quae in Deo sunt lux, quamvis creaturae in seipsis sint tenebrae*" (In I Sent. d.2 q.1 a.5 ex).

Essa luz do *design* do Verbo embutida no ser da criatura (ou melhor: que é o próprio ser da criatura!) é, como dizíamos, o que a torna cognoscível para o intelecto humano. Assim não é descabido que a inteligência humana tente captar também o senso lúdico do *Verbum*. Na já citada I, q. 70 (da *Summa*), Tomás vai associando a obra de ornamentação aos elementos mencionados na Criação: no quarto dia são produzidas as luminárias, ornamento do céu; no quinto, as aves e os peixes (que ornamentam o ar e a água); e no sexto, os animais, para a terra.

Se bem que o pecado do homem afetou a criação irracional, aventuremos - neste breve parêntese - a adivinhar o senso lúdico na criação dos animais, que ornamentam a terra. É o que faz Guimarães Rosa em uma enigmática sentença de sua visita ao Zoológico²⁸: após contemplar toda a cômica variedade ("O cômico no avestruz: tão cavalhar e incozinhável..."; "O macaco: homem desregulado. O homem: vice-versa; ou idem"; "O dromedário apesar-de. O camelo além-de. A girafa, sobretudo"), desfere a "adivinha": "O macaco está para o homem assim como o homem está para x". Ao que poderíamos ajuntar: o homem está para x assim como x para y...

V. O lúdico divino/humano no Comentário ao *De Hebdomadibus*

Se no Comentário às *Sentenças*, Tomás fala do *Deus Ludens*, comentando passo a passo *Prov. 8, 30-31*; no Comentário ao *De hebdomadibus* de Boécio ele apresenta uma interpretação mais sugestiva do mesmo tema, desta vez aplicada

²⁷. "Illud quo aliquid cognoscitur quocumque modo, dicitur lux. Unumquodque autem cognoscitur per suam formam, et secundum quod est actu. unde quantum habet de forma et actu, tantum habet de luce (...) est, in quantum habet de entitate et luce". Tomás diz no *De veritate* (I,2): *res naturalis inter duos intellectus constituta est* - a realidade natural está situada entre dois cognoscentes: o *intellectus divinus - mensurans* e *non mensuratum* - e o *intellectus humanus: mensuratum*, que recebe sua "medida" das coisas que, por sua vez, receberam sua "medida" do Verbo.

²⁸. *Ave Palavra*, 2a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978, pp. 94 e ss.

ao homem e a propósito de *Eclesiástico* 32, 15-16, que é posto precisamente como epígrafe de seu livro e objeto de todo o “Prólogo”. Tomás interpretará de modo originalíssimo este “*Brinca e realiza as tuas concepções...*” (com aquele semcerimonioso modo medieval, a que já aludimos, de interpretar não literalmente a Bíblia).

Aparentemente este versículo é um conselho moral bíblico a mais (assim o entende Agostinho no *Speculum*²⁹); um conselho secundário, que passou quase inteiramente despercebido aos autores anteriores (e também aos posteriores...) ao Aquinate³⁰. Um conselho que, como vimos, a *Bíblia de Jerusalém*, traduz pela anódina fórmula: “*Corre para casa e não vagueies. Lá diverte-te, faze o que te aprouver, mas não peques falando com insolência*”.

Tomás, porém, vê nesse versículo um convite ao homem a exercer seu conhecimento, seguindo - a seu modo - os padrões lúdicos de Deus. Seu *Prólogo* fundamenta todo um programa pedagógico, que aponta para o fim por excelência da educação: a *contemplatio* (palavra que, como se sabe, traduz a *theoria* grega).

Acompanhemos Tomás em seu Prólogo, desde a epígrafe: “*Praecurre prior in domum tuam, et illuc advocare et illic lude, et age conceptiones tuas*” (Eclo. 32,15-16).

“**Corre para tua casa, e lá recolhe-te, brinca e ‘age’ tuas concepções**” (Ecclo 32, 15). Tomás começa dizendo que a aplicação à Sabedoria tem o privilégio da auto-suficiência: ao contrário das obras exteriores, não depende senão de si mesma: tudo que o homem necessita para aplicar-se à sabedoria é recolher-se em si mesmo. Daí que o Sábio (o autor do *Eclesiástico*), diga:

“**Corre para tua casa**”. Trata-se de um convite (cfr. nota 50) à fecundidade da solidão e do silêncio, ao recolhimento, a entrar em si mesmo, solicitamente (daí o “**Corre**”) e afastando toda a distração e os cuidados alheios à sabedoria.

²⁹. *Speculum*, cp. 23. Cito pela edição eletrônica da Brepols - *Cetedoc Library of Christian Latin Texts*, Universitas Catholica Lovaniensis, 1994.

³⁰. O próprio Tomás só o menciona no comentário a Boécio (exceção feita ao *Super Evangelium Matthei* cp 13, lc 13, onde considera o fato de que Cristo explica as parábolas reservadamente aos apóstolos e, citando nosso versículo, comenta: “*si velimus secreta investigare, debemus in secretum intrare*”).

“**Recolhe-te**”. Com a palavra *advocare*, Tomás quer reforçar - como em tantas outras passagens³¹ em que emprega esse vocábulo - o recolhimento de quem foi chamado, convocado para outra parte, a serena concentração - que se abre à contemplação intelectual da realidade, da maravilha da Criação.

“**Brinca**” - Além das duas razões que aponta em *I Sent.* - o brincar é deleitável e as ações do brincar não se dirigem a um fim extrínseco -, aqui, Tomás acrescenta que no brincar há puro prazer³², sem mistura de dor: daí a comparação com a felicidade de Deus³³. E é por isso que diz - juntando as duas passagens chave - que Prov. 8 afirma: “eu me deleitava em cada um dos dias, brincando diante dEle o tempo todo”.

A conclusão de Tomás é de uma densidade insuperável: “A divina sabedoria fala em ‘diversos dias’ indicando as considerações das diversas verdades. E por isso ajunta ‘**Realiza as tuas concepções**’, concepções pelas quais o homem acolhe a verdade”. Infelizmente, Tomás não diz como concebe essa imitação do Logos divino pela inteligência humana.

Tomás não diz como se dá este “*lude et age conceptiones tuas*” (brinca e realiza tuas descobertas); seja como for trata-se de um convite ao homem - com sua limitada inteligência - a entrar no jogo do *Verbum* (na *Suma I*, 37, 1, diz que *verbum* é vocábulo *ad significandum processum intellectualis conceptionis*, ‘para significar o processo intelectual de concepção’), a descobrir sua peças, seu sentido: a “**lógica lúdica**” do **Logos Ludens**. Certamente, trata-se da contemplação da sabedoria (o que inclui a contemplação “terrena”, da maravilha da criação), mas, nada impede que estendamos este convite ao exercício racional-lúdico a outros campos: num tempo como o nosso em que alguns antevêm o fim da sociedade do trabalho, o fim da burocracia, o fim da racionalidade sem imaginação, Domenico de Masi, o profeta da sociedade do lazer - não por acaso napolitano; Tomás também era da região de Nápoles - nos

³¹ .Por exemplo, em II-II, 175, 4, diz que para conhecer as coisas altíssimas de Deus é necessário que *tota mentis intentio illuc advocetur*.

³². Certamente, diz Tomás, alguém pode encontrar prazer em atividades que têm fim fora de si mesmas, mas, neste caso, quando esta meta exterior falha ou tarda, ajunta-se a aflição ao prazer, o que nunca ocorre com a contemplação da sabedoria...

³³. Deus é feliz e suas delícias são estar com os filhos dos homens. Isto impede qualquer interpretação do brincar de Deus na Criação como uma piada de mau gosto, no sentido de Macbeth (Ato V): “(Life) it is a tale told by an idiot, full of sound and fury, signifying nothing”. Aliás, num outro comentário importante a Prov. 8, 30-31, “as minhas delícias são estar com os filhos dos homens”, Tomás diz que Deus ama as criaturas, especialmente o homem, a quem comunica o ser e a graça, para fazê-lo partícipe de Sua felicidade (*Super Ev. Io. 15, 2*).

vem anunciar “a importância do espírito lúdico, sem o qual não se constrói a ciência”³⁴.

Afirmar o *Logos Ludens* é afirmar a *contemplatio* - os deleites do conhecimento que têm um fim em si -, contemplação que é formalmente fim da educação proposta por Tomás. Mas o reconhecimento do *Logos Ludens* traz consigo também o sentido do mistério: mistério, que se dá não por falta mas por excesso de luz. A criação é excesso de luz e nunca pode ser plenamente compreendida pelo homem: daí que a busca da verdade - da que Tomás em famosa questão de *Quodlibet* afirma ser a mais veemente força no homem - conviva com a despretensão de compreender cabalmente sequer a essência de uma mosca (como o Aquinate afirma no começo do *Comentário ao Credo*)³⁵. Isto é, o brincar do homem que busca o conhecimento deve significar também o reconhecimento desta nota essencial na visão-de-mundo de Tomás: o mistério.

³⁴. Domenico de Masi, em entrevista a “Roda Viva”, janeiro de 1999, citado por Gilberto de Mello Kujawski “A sociedade do lazer e seu profeta” *O Estado de S. Paulo*, 25-2-99, p. 2. A citação vem a propósito do conhecido caso dos prêmios Nobel da Escola de Biologia de Cambridge, que descobriram o DNA. “Os cientistas produziram diversos desenhos da possível estrutura do DNA, a priori, sem base experimental. Na hora de testar aqueles desenhos surgiu a questão: qual deles? A resposta foi: o mais belo. Testou-se o desenho mais formoso e elegante. E não é que deu certo? O esquema do DNA era aquele mesmo” art. cit. Cfr. o cap. “A Escola de Biologia de Cambridge” D. de Masi *A Emoção e a Regra*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1997. Ainda a propósito do *Logos Ludens* e da ciência, meu amigo (e colega de direção editorial) Dr. Wilson Miguel Salvagnini - professor da EPUSP-Química, que orientou a primeira tese sobre água de coco na USP -, sabendo destas minhas pesquisas, comentou-me o seguinte: “A água de coco como que manifesta uma inteligência e um propósito: trata-se de um líquido que - além de agradável - é espantosamente isotônico, estéril e contém sais e açúcares, tudo como que ‘sob medida’ para a necessidade humana: a tal ponto que pode ser, por exemplo, até tomada por lactentes e é perfeitamente injetável intravenosamente!” Cfr. P. ex. Dupaigne, P. “Un jus de fruit peu ordinaire: l'eau de coco”. *Fruits*, v. 26, n. 9, pp. 625 e ss. E poderíamos acrescentar: não haverá algo de lúdico - lembremos do cósmico/cômico de Chesterton - em esconder esse valioso líquido num coco, no alto de um coqueiro?!

³⁵. A esse aspecto do pensamento de Tomás, Pieper dedicou sua obra - de tão sugestivo título - *Unaustrinkbares Licht*. Um parágrafo, a título de resumo: “Temos certamente a potência de conhecimento das coisas, contudo não nos é possível conhecer formalmente a sua *verdade*; conhecemos a imagem imitativa (*Nachbild*), mas não a sua correspondência ao arquétipo (*Urbild*): a relação existente entre o ser-pensado (*Erdachtsein*) e o seu projeto” Pieper, J. “Luz Inabarcável - o Elemento Negativo na Filosofia de Tomás de Aquino”, cito pela tradução de G. Greggersen em *Convenit* 1, Salamanca, Ed. Arvo, 2000, <http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm> (*). Para o tema do mistério, veja-se o capítulo correspondente em Lauand *O que é uma Universidade*, São Paulo, Perspectiva-Edusp, 1987.

Nesse sentido, Adélia Prado - que melhor do que ninguém *sabe* de Criação - reafirma, em diversas de suas poesias, a ligação do lúdico com o mistério:

Cartonagem

A prima hábil, com tesoura e papel, pariu a mágica:
emendadas, brincando de roda, 'as neguinhas da Guiné'.
Minha alma, do sortilégio do brinquedo, garimpou:
eu podia viver sem nenhum susto.
A vida se confirmava em seu mistério.
(*Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 111)

A partir da estrutura dual de um *Logos Ludens*, compreende-se a dualidade fundamental do conhecimento humano: conhecemos, mas no claro escuro do mistério, particularmente no que se refere ao alcance do pensamento humano em relação aos arcanos de Deus: nEle não há uma liberdade compatível com a contradição de um Ockham, - personagem referencial de frei Guilherme de Baskerville, o herói de *O Nome da Rosa* - nem tampouco as férreas "*rationes necessariae*" de um Anselmo de Canterbury³⁶.

À rosa da qual nada resta a não ser o nome "*stat rosa pristina nomine...*" e a um Deus - "*Gott ist ein lautes Nichts*" - que é um sonoro nada, sentenças com que se fecha o romance de Eco, contrapõem-se a rosa de Tomás e a de Julieta, que, também ela, fala do nome da rosa:

*What's in a name? That which we call a rose
By any other name would smell as sweet.
(Romeo and Juliet, Act II)*

Se a rosa tivesse outro nome, deixaria de ser aquilo que é? Deixaria de ser luz e fonte de luz, do *Verbum Ludens* de Deus (Jo 1,4)?

³⁶. Cfr. p. ex. Pieper *Scholastik*, München, DTV, 1978, cap. XI.